



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES – CCHLA
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULA – DLCV
LICENCIATURA EM LETRAS-PORTUGUÊS

ÍRACLES ANDRESSA PESSOA DE ANDRADE SOBREIRA

LITERATURA E MISTIÇAGEM RELIGIOSA: UMA LEITURA DE *CAPITÃES DA AREIA*, DE JORGE AMADO

JOÃO PESSOA-PB

2015

ÍRACLES ANDRESSA PESSOA DE ANDRADE SOBREIRA

LITERATURA E MISTIÇAGEM RELIGIOSA: UMA LEITURA DE *CAPITÃES DA AREIA*, DE JORGE AMADO

Monografia apresentada ao Curso de Letras, Português, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em cumprimento às exigências da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), como requisito para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

Orientador: Profa. Dra. Wilma Martins de
Mendonça

JOÃO PESSOA-PB

2015

S677I Sobreira, Íracles Andressa Pessoa de Andrade.

Literatura e mestiçagem religiosa: uma leitura de Capitães da Areia, de Jorge Amado / Íracles Andressa Pessoa de Andrade Sobreira.- João Pessoa, 2015.

41f.

Orientadora: Wilma Martins de Mendonça

Monografia (Licenciatura) - UFPB/CCHLA

1. Amado, Jorge, 1912-2001 crítica e interpretação. 2. Literatura portuguesa - crítica e interpretação. 3. Mestiçagem religiosa. 4. Literatura e sociedade.

UFPB/BC

CDU: 869.0(043.2)

ÍRACLES ANDRESSA PESSOA DE ANDRADE SOBREIRA

LITERATURA E MISTIÇAGEM RELIGIOSA: UMA LEITURA DE *CAPITÃES DA AREIA*, DE JORGE AMADO

Monografia apresentada ao Curso de Letras, Português, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em cumprimento às exigências da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), como requisito para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

Orientador: Profa. Dra. Wilma Martins de Mendonça

APROVADA EM: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Wilma Martins de Mendonça (UFPB)

Orientador

Prof. Thiago Fernandes Soares Ribeiro (Mestre em Literatura)

Examinador

Profa. Dra. Vania Maria Vasconcelos

Examinadora

Dedico este trabalho aos meus pais, que foram os
incentivadores para que eu conseguisse chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades. O que seria de mim sem a fé que tenho N'Ele;

À minha orientadora Wilma Martins de Mendonça, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos;

Aos meus pais, Rômulo e Tânia, pelo apoio incondicional, incentivo e amor em todos os momentos, e que nunca mediram esforços para que conseguisse chegar até aqui;

Às minhas avós Cilinha e Damiana, pelo referencial de fé e dignidade na formação de meu caráter;

Aos meus irmãos, Ítalo, Ingrid e Sayonara, pelo bom exemplo de força e dedicação;

Ao meu filho Arthur, por me acompanhar todos os dias do meu curso incansavelmente;

Ao meu esposo Chagas pela paciência;

Às minhas grandes amigas, Rossana, Raquel e Graci por estarem sempre do meu lado, me apoiando e dando forças para continuar, em especial a Rossana, que foi meu braço direito durante o curso inteiro.

Aos amigos Felipe, Clara, Giullia e Katia, por tornarem os meus dias mais alegres durante as aulas;

E a todos que fizeram parte da minha formação, o meu sincero agradecimento.

Nós, brasileiros, nesse quadro, somos um povo em ser [...]
Um povo mestiço na carne e no espírito, já que aqui a
mestiçagem jamais foi crime ou pecado.

Darcy Ribeiro

RESUMO

O intuito deste trabalho é fazer a análise acerca da mestiçagem religiosa expressa pelos personagens mirins que integram a obra *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, publicado em 1937. A escolha da temática se justifica em face de sua recorrência na obra de Jorge Amado, em especial no romance, objeto de nossa pesquisa. Em relação à compreensão da temática, nos apoiamos principalmente nas obras de Darcy Ribeiro, *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil* (1995), além das pesquisas *Sincretismo religioso afro-brasileiro*, de Valdemar Valente (1976) e *Sincretismo afro-católico no Brasil: lições de um povo em exílio*, de Afonso Soares. No que diz respeito à compreensão desse tema na obra de Amado, nos apoiamos no trabalho de Lilia Moritz Schwarcz “O artista da mestiçagem”, que integra a obra de Ilana Seltzer, *O universo de Jorge Amado* (2009), como também no estudo sociológico de Reginaldo Prando, *Religião e sincretismo religioso em Jorge Amado*, escrito em 2009. Assim, nossa análise se detém nos personagens que mais representam a mestiçagem e o sincretismo religioso brasileiro no *corpus* escolhido. Apesar dessa obra amadiana ser conhecida pela crítica social ao abandono de crianças e adolescentes, instala-se nessa denúncia literária a temática de nossa mestiçagem espiritual advinda de nossa própria formação como povo. No que se refere à metodologia, nos utilizaremos dos pressupostos de Antonio Candido, elaborados em sua *Literatura e sociedade* (1965).

Palavras-chave: Literatura. Sociedade. Mestiçagem Religiosa. Jorge Amado.

ABSTRACT

The purpose of this work is to analysis about religious miscegenation expressed by junior characters that make up the work *Captains of the Sands*, Jorge Amado, published in 1937. The choice of the theme is justified in view of its recurrence in the work of Jorge Amado, in especially in the novel, the subject of our research. In relation to the understanding of the subject, especially support in the works of Darcy Ribeiro, *the Brazilian people: the training and the direction of Brazil* (1995), in addition to african-Brazilian religious syncretism research, Valdemar Valente (1976) and *African syncretism Catholic in Brazil: Lessons of a people in exile*, Afonso Soares. With regard to the understanding of this topic in Amado's work, support us on Lilia Moritz Schwarcz work *"The artist of miscegenation"* which integrates the work of Ilana Seltzer, *Jorge Amado's universe* (2009), as well as the sociological study Reginald Prandus, *Religion and religious syncretism in Jorge Amado*, written in 2009. Thus, our analysis delves into the characters that represent more miscegenation and the Brazilian religious syncretism in the chosen corpus. Despite this amadiana work be known for social criticism in abandoned children and adolescents, settles this literary complaint the theme of our spiritual mestizaje arising from our own training as a people. As regards the methodology, we will use in the assumptions of Antonio Candido, elaborated in his *Literature and Society* (1965).

Key-words: Literature. Society. Religious miscegenation. Jorge Amado.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 SOBRE MISTIÇAGEM E SINCRETISMO RELIGIOSO	11
2.1 O sincretismo afro-brasileiro.....	13
2.2. Jorge Amado e a mestiçagem religiosa.....	15
3 REPRESENTAÇÕES DO SAGRADO BRANCO E DA RELIGIOSIDADE NEGRA: A FIGURA DO PADRE JOSÉ PEDRO E A MÃE-DE-SANTO DON' ANINHA.....	16
3.1 Um padre sem prestígio.....	16
3.2 Don' aninha a mãe de santo.....	24
3.3 O Sincretismo do Capitães da Areia.....	26
3.4 Pirulito: um aspirante a sacerdote.....	26
3.5 João Grande: o cândido.....	28
3.6 Pedro Bala: o chefe.....	31
3.7 Sem-Pernas: sem fé, sem esperança.....	33
3.8 A fé e o respeito que instigam um ato criminoso.....	38
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41

1 INTRODUÇÃO

Antes de o "Brasil ser Brasil" quando era apenas a América Portuguesa, já costumava ser descrito por sua mestiçagem. Nos relatos seiscentistas de Gandavo, Thevet e de Léry, a colônia era caracterizada a partir do processo de mistura; primeiro entre brancos e indígenas e, depois entre brancos e africanos.

Lilia Moritz Schwarcz

Segundo Lilia Moritz Schwarcz, professora titular do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo (2009) o escritor Jorge Amado é um intérprete do Brasil, pois ele sempre traz em suas obras as misturas dos costumes, dos credos, das várias cores e fé que dão a feição ao povo brasileiro. A autora assevera que o escritor baiano desenha nos corpos e nas almas de seus personagens a mestiçagem nacional (2009).

Nessa concepção, o trabalho, **Literatura e mestiçagem religiosa: uma leitura de Capitães da areia, de Jorge Amado**, tem como objetivo central o estudo das representações da mestiçagem através da análise dos personagens mirins do trapiche, locus fundamental no cenário da obra. Fisicamente, os personagens meninos e Dora representam, em seus próprios corpos, a nossa heterogeneidade: Pedro Bala, o chefe dos Capitães da Areia e Dora são brancos alourados; João Grande é negro. A essa diversidade de tipos nacionais se sobressai a diversidade espiritual.

Neste trabalho, pretendemos fazer a análise da mestiçagem e do sincretismo religioso dos meninos que integram os Capitães da Areia, um grupo de meninos órfãos que moram em um trapiche abandonado, vivendo à própria sorte. Dentre os trabalhos que serão utilizados como arcabouço teórico para nosso estudo, os mais importantes são: *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil* (1995), além das pesquisas *Sincretismo religioso afro-brasileiro*, de Valdemar Valente (1976) e *Sincretismo afro-católico no Brasil: lições de um povo em exílio*, de Afonso Soares.

No que diz respeito à compreensão desse tema na obra de Amado, nos apoiamos no trabalho de Lilia Moritz Schwarcz "O artista da mestiçagem", que integra a obra de Ilana Seltzer, *O universo de Jorge Amado* (2009), como também no estudo sociológico de Reginaldo Prando, *Religião e sincretismo religioso em Jorge Amado*, escrito em 2009.

Tal temática, embora bastante explorada em outras obras de Jorge Amado, a exemplo dos romances *Jubiabá* (1935), *O Compadre de Ogum* (1964) e *Tenda dos Milagres* (1969), não é muito estudada na obra *Capitães da Areia*, justificando assim, a escolha de

nosso objeto de leitura, visto, geralmente, apenas como uma narrativa de denúncia contra a indiferença das instituições sociais e da nossa sociedade em geral, em face da problemática do abandono infantil e do descaso com os adolescentes, igualmente abandonados.

Por tratar-se de uma realidade ficcional, nos utilizamos, como pressupostos metodológicos, os postulados de Antonio Candido acerca da relação entre literatura e sociedade, tentando preservar a autonomia literária e observando a temática como *elemento constitutivo* da obra. Como nos recomenda o crítico brasileiro, em seu trabalho “Crítica e sociologia”, capítulo que compõe a obra *Literatura e sociedade*, no qual Candido esboça a sua visão da crítica literária:

Sabemos, ainda que o *externo* (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura [da obra], tornando-se, portando, *interno* [...] quando estamos no terreno da crítica literária somos levados a analisar a intimidade das obras, e o que interessa é averiguar que fatores atuam na organização interna, de maneira a constituir uma estrutura peculiar [...] A análise crítica, de fato, pretende ir mais fundo, sendo basicamente a procura dos elementos responsáveis pelo aspecto e o significado da obra, unificados para formar um todo indissolúvel (CANDIDO, 1985, p. 4-5 – grifos do autor).

Nessa perspectiva, nos voltamos para a leitura de *Capitães da Areia*. Nesse sentido, dividimos nosso trabalho em dois tópicos, ambos subdivididos em subtópicos. O primeiro, “Sobre mestiçagem e sincretismo religioso”, no qual discutiremos o conceito, em voga no Brasil, do sincretismo do sagrado. O segundo, denominado de “Representações do sagrado branco e da religiosidade negra: a figura do Padre José Pedro e a Mãe-de-Santo Don’ aninha” trata, de forma especial, da importância de Don’ Aninha e do Padre José Pedro na religiosidade e devoções dos principais integrantes do grupo dos Capitães da Areia.

Dessa maneira, procuramos contribuir para os estudos da literatura brasileira, em especial da narrativa de Jorge Amado e, de forma mais particular, para o estudo da mestiçagem religiosa em *Capitães da Areia*. Esperamos, assim, colaborar no enriquecimento da fortuna crítica de Jorge Amado.

2 SOBRE MISTIÇAGEM E SINCRETISMO RELIGIOSO

O tema sincretismo religioso já é bastante discutido e estudado, havendo diversas literaturas que versam sobre o assunto. Por se tratar de um tema presente no livro estudado, e que interfere de forma significativa na vida dos órfãos, abordaremos, neste trabalho, as definições do sincretismo e como se desenvolveu inicialmente no Brasil, para posteriormente analisar as marcas sincréticas presentes no livro, e de que forma influencia nas ações dos meninos do trapiche.

Conforme Valente (1976, p.10), devemos entender o sincretismo como um processo de interação cultural, na tentativa de diminuir os conflitos, passando por duas fases: a da acomodação e a da assimilação. Na primeira, o indivíduo se acomoda em detrimento do conflito cultural, mas ainda mantém algum tipo de relação com os valores de sua cultura original. Diferentemente, na segunda, há uma fusão entre os elementos culturais, de tal forma que os indivíduos interpenetram as tradições, sentimentos e ações de outros indivíduos, trocando experiências, incorporando a mesma vida cultural, acontecendo de forma gradual e inconsciente. Vejamos a definição que o autor discute:

O sincretismo religioso é um processo que se propõe resolver uma situação de conflito cultural. Neste, a principal característica é a luta pelo *status*, ou seja o esforço empreendido no sentido de conseguir um aposição que se ajuste à idéia que o indivíduo ou o grupo tem da função que desempenha dentro de sua cultura (VALENTE, 1976 , p.10).

Já Renato Ortiz (apud SOARES 2002, p. 51), relaciona a questão sincrética de predominância e poder, afirmando que quando duas tradições são postas em contato, a tradição dominante fornece o sistema de significação, elegendo e ordenando os valores da tradição subdominante. Ainda adverte para a seguinte problemática: até que momento a memória coletiva irá se manter ilesa, no que tange ao significado original, já que há uma reiterada penetração de significantes externos.

Apesar do referido autor se preocupar com os elementos da tradição subdominante que não foram eleitos pela tradição dominante, vale apenas ressaltar que também alguns elementos da dominante também vão ser mesclados, pois os valores de ambas não são perdidos, mas ganham outros significados, pois o sincretismo é uma releitura dos significantes originais enriquecidos de outros novos, com o propósito de não serem perdidos (SOARES, 2002, p. 49).

Quando duas culturas distintas entram em contato ocorre uma simbiose entre os elementos culturais surgindo uma nova cultura, construída da relação entre as duas primeiras culturas.

O sincretismo se caracteriza, fundamentalmente, por uma entremistura de elementos culturais. Uma íntima interfusão, uma verdadeira simbiose, em alguns casos, entre os componentes das culturas que se põe em contato. Simbiose que dá em resultado uma fisionomia cultural nova, na qual se associam e se combinam, em maior ou menor proporção, as marcas características das culturas originais (VALENTE, 1976).

No Brasil, a simbiose do sincretismo é, amiúde, problematizada por antropólogos e romancistas, a exemplo de Darcy Ribeiro, por poetas, como Carlos Drummond de Andrade, como se pode verificar em seus discursos e em seus poemas, ambos insistindo no despojamento da religiosidade europeia, enquanto mostram as peculiaridades de nossa mestiçagem sagrada. O primeiro mostrando como exemplo a devoção brasileira à Iemanjá, ressaltando a ação contínua resistente dos negros no Brasil em preservar o sagrado africano. O segundo, ironizando a inadequação em nossas terras de Papai Noel, figura que aparece no poema drummondiano como um ladrão. Poema “Papai Noel às avessas”, de 1930:

Esse é o caso do culto a Iemanjá, que em poucos anos transformou-se completamente. Essa entidade negra, que se cultuava a 2 de fevereiro na Bahia e a 8 de março em São Paulo, foi arrastada pelos negros do Rio de Janeiro para 31 de dezembro. Com isso aposentamos o velho e ridículo Papai Noel, barbado, comendo frutas europeias secas, arrastado num carro puxado por veados. Em seu lugar, surge, depois da Grécia, a primeira santa que fode. A Iemanjá não se vai pedir a cura do câncer ou da AIDS, pede-se um amante carinhoso e que o marido não bata tanto (RIBEIRO, 1995, p.6864-265).

PAPAI NOEL entrou pelas portas dos fundos/ (no Brasil as chaminés não são praticáveis.)/ entrou cauteloso que nem marido depois da farra./ Tateando na escuridão torceu o comutador/ e a eletricidade bateu nas coisas resignadas,/ coisas que continuavam coisas no mistério do Natal./ Papai Noel explorou a cozinha com olhos espertos,/ achou um queijo e comeu.// Depois tirou do bolso um cigarro que não quis acender./ Teve medo talvez de pegar fogo nas barbas postiças/ (no Brasil os papais-noéis são todos de cara raspada)/ e avançou pelo corredor branco de luar./ Aquele quarto é o das crianças./ Papai entrou compenetrado.// Os meninos dormiam sonhando outros natais muito mais lindos/ mas os sapatos deles estavam cheinhos de brinquedos/ soldados mulheres elefantes navios/ e um presidente de república de celuloide./ Papai Noel agachou-se e recolheu aquilo tudo/ no interminável lenço vermelho alcobaça./ Fez a trouxa e deu o nó mas apertou tanto/ que lá de dentro mulheres elefantes soldados presidente brigavam por causa do aperto./ Os pequenos continuavam dormindo./ Longe um galo comunicou o nascimento de Cristo./ Papai Noel voltou de manso para a cozinha,/ pagou a luz, saiu pela porta dos fundos.// Na horta, o luar de Natal abençoava os legumes (ANDRADE, 1988, p. 23-24).

Em 1978, o crítico literário brasileiro, Silviano Santiago, fala acerca da catequese no Brasil, cujo objetivo era o de evitar tanto o bilinguismo quanto a diversidade religiosa, ou seja, quaisquer manchas de culturas outras no sistema cultural europeu. No entanto, isso reforça o sincretismo, ou a mestiçagem, que se dá à revelia do desejo português, graças à ação de resistência de indígenas e negros à perda total de suas culturas, considerando a perda da ‘pureza’ da cultura europeia, como *a maior contribuição* dos latino-americanos à cultura do Ocidente. Nessa compreensão, Silviano Santiago constata que a existência de um povo latino-americano se dá através do desvio da cultura europeia, pois sem a mestiçagem cultural estaríamos fadados ao desaparecimento, pois estaríamos imersos na cópia:

Instituir o nome de Deus equivale a impor o código linguístico no qual seu nome circula em evidente transparência [...] Evitar o bilinguismo significa evitar o pluralismo religioso e significa também impor o poder colonialista. Na álgebra do conquistador, a unidade é a única medida que conta. Um só Deus, um só Rei, uma só Língua: o verdadeiro Rei, a verdadeira Língua [...] O renascimento colonialista engendra por sua vez uma nova sociedade, a dos mestiços [...] A maior contribuição da América Latina para a cultura ocidental vem da destruição sistemática dos conceitos de *unidade* e de *pureza* [...] A América Latina institui seu lugar no mapa da civilização ocidental, graças ao movimento de desvio da norma, ativo de destruidor, que transfigura os elementos feitos e imutáveis que os europeus exportavam para o Novo Mundo [...] contacta-se com cinismo que, sem essa contribuição, seu produto seria mera cópia (SANTIAGO, 2000, p. 13-16 – grifos do autor).

2.1 O SINCRETISMO AFRO-BRASILEIRO

Quando falamos em sincretismo religioso no Brasil, referimos, sobretudo, à *contaminação* do código religioso europeu pelos traços da religiosidade indígena e negra, em particular. Embora na obra de Jorge Amado as relações estabelecidas entre a religiosidade do catolicismo luso-brasileiro e a religião dos Orixás sejam mais evidentes, não se pode esquecer do contato, com o espiritismo, com o teosofismo e até com as práticas da cartomancia e da quiromancia. Porém, a mais marcante foi com a religião católica, por ser religião dominante e declarada pelos povos colonizadores que a impõe através da força (VALENTE, 1976, p. 68).

O sistema colonial português tinha como proposta a evangelização como meio de dominação, implantando a catequese, assim a religião católica foi introduzida nas populações indígenas e nos escravos. Na viagem da África para o Brasil, o homem negro já veio carregado de princípios e valores religiosos, mas mesmo assim eram obrigados a viverem conforme os colonizadores, segundo os costumes e crenças dos dominadores, eram proibidos de exercerem qualquer tipo de culto aos orixás, sendo até perseguidos pela polícia: “Desde os

tempos de sua formação até recentemente, o candomblé sofreu intensa perseguição por parte de autoridades do governo, polícia e muitos órgãos da imprensa” (PRANDI, 2009, p. 51).

Mesmo assim, os negros conservavam alguns elementos de sua fé. Isto foi possível através do sincretismo, pois os negros começaram a fazer uma aproximação dos orixás aos santos católicos. “Os símbolos e ritos católicos são, portanto, reinterpretados pelo dinamismo selecionador da divisão de forças vitais do mundo africanos” (SOARES, 2002, p.49). A religião católica acabou coexistindo com o candomblé, havendo uma recriação nos significados das práticas religiosas, assim como afirma Prandi, o sincretismo afro-brasileiro foi importante para a sobrevivência e adaptação utilizado pelo os escravos africanos:

O candomblé se formou e se transformou no contexto social e cultural católico do Brasil do século XIX. Pelo sincretismo, os orixás passaram a ser identificados com os santos, sendo louvados, assim, tanto nos terreiros como nas igrejas. Os seguidores dos orixás no Brasil, especialmente nos primeiros tempos, eram também católicos, e muitos rituais realizados no terreiro eram complementados por cerimônias atendidas na igreja (PRANDI, 2009, p. 50).

É importante salientamos que com o sincretismo, os valores culturais dos negros também foram absorvidos. Observemos a colocação de García (2009, p. 22):

Esses escravos eram obrigados a viver segundo os costumes do colonizador e a acolher a fé cristã; mas ambos os países, ao lado da religião oficial, coexistiram formas religiosas procedentes de África que resistiram a todos os processos de catequese e que se juntaram ao catolicismo dando lugar primordial na consolidação de seus valores e sedimenta sua coesão social, compreende-se que os africanos e seus descendentes, ao transmitirem seus mitos e conhecimentos, transmitiram também sua cultura, sua organização social e seu legado simbólico.

Atento ao contexto brasileiro, às contradições de nossa miscigenação, os preconceitos contra a religiosidade não oficial, Silviano Santiago, em seu texto, “Apesar de dependente universal”, que integra a obra *Vale quanto pesa* (1982), aponta para uma assimilação europeia da cultura negra ou indígena, através da hierarquia, negando, portanto, o caráter simbiótico, defendido por muitos estudiosos de nossa mestiçagem, como se lê abaixo:

Tal processo de uniformização das diferentes civilizações existentes no mundo, tal processo de ocidentalização do recém-descoberto, passou a dirigir os desígnios das organizações sócio-políticas e econômicas do Novo Mundo, instituindo a classe dominante como detentora do discurso cultural, discurso europeizante (inclusive nas constantes e sucessivas assimilações “cordiais” da diferença indígena ou negra). A cultura oficial assimila o outro, não há dúvida; mas, as assimilá-lo, recalca, *hierarquicamente*, os valores autóctones ou negros que com ela entram em embate. No Brasil, o problema do índio e do negro, antes de ser a questão do silêncio, é a da hierarquização de valores (SANTIAGO, 19882, p. 17).

2.2 JORGE AMADO E A MISTIÇAGEM RELIGIOSA

Não é inusitado afirmar que o autor baiano Jorge Amado é um escritor atento à nossa realidade. Daí aparecerem em suas narrativas as variadas devoções do povo particular, em especial a da religiosidade europeia e a da africana. “Em matéria de religião, Jorge Amado é, antes de mais nada sincrético (...) Santos católicos e orixás se confundem no enredo de seus romances na mais fina tradição do sincretismo” (PRANDI, 2009, p.49). Já que o sincretismo religioso é um tema corriqueiro em suas obras, como em *Jubiabá* e *Tendas dos Milagres*, em ambas obras são trazidos rituais de candomblé, além dos personagens principais dos livros estarem inseridos no mundo do Xangô. Já em *Capitães da Areia*, o sincretismo é tratado de forma mais sutil, pois o tema central do livro é a crítica social feita ao descuido com as crianças órfãs. Mesmo assim, o sincretismo é importante na obra, pois influencia nas ações dos meninos que moram no trapiche abandonado.

Segundo Prandi (2009, p.50, 55), nas obras de Jorge Amado o candomblé e o catolicismo não se separam, mas também não sendo inconciliáveis, tanto é que ambas religiões estão presentes no romance *Capitães da Areia*, sendo esta relação representada pela aceitação dos órfãos ao padre e a mãe-de-santo. Os meninos só confiavam neles tanto é que somente o Padre José Pedro e Don’ Aninha sabiam onde ficava o esconderijo dos meninos.

3 REPRESENTAÇÕES DO SAGRADO BRANCO E DA RELIGIOSIDADE NEGRA: A FIGURA DO PADRE JOSÉ PEDRO E A MÃE-DE-SANTO DON' ANINHA

Mais de 100 crianças vivendo em um Trapiche, tendo somente um ao outro e, às vezes, a ajuda do Padre José Pedro, Mãe-de-Santo Don' Aninha e o capoeirista Querido-de-Deus. Porém, neste tópico nós só nos deteremos aos dois primeiros, por representarem o sincretismo religioso, tema reiterado nas obras de Jorge Amado. Além disso, eram uma das poucas pessoas que eram respeitadas pelos Capitães da Areia.

Na cidade onde viviam os Capitães da Areia eles eram vistos como um problema que deveria ser resolvido rapidamente e não de forma humanitária. Eles não eram vistos como apenas crianças, e sim como criminosos, que precisavam ser presos, não importando para onde iriam ou como seriam tratados, importava somente é que os meninos delinquentes fossem “extintos”:

O que se faz necessário é uma urgente providência da polícia e do juizado de menores no sentido da extinção desse bando e para que recolham esses precoces criminosos, que já não deixam a cidade dormir em paz o seu sono tão merecido, aos institutos de reforma de crianças ou às prisões (AMADO, 1912-2001, 2009, p. 09).

No primeiro capítulo do livro, intitulado “Cartas à Redação”, mostra que as autoridades que deveriam se preocupar com a situação de abandono dos menores e dando assistência não se responsabilizavam, atribuindo a outro Órgão este dever. O secretário do chefe de polícia afirmava que a problemática é de competência do juizado de menores, este afirmava que o dever de solucionar a onda de crimes cometidos por crianças competia ao curador, e assim ninguém se responsabilizava pelos meninos.

Dessa forma, a figura do padre e da mãe-de-santo são importantes, devido assistência dada às crianças. Além disso, ambos são representantes de religiões, o padre da católica cristã e a mãe-de-santo do candomblé. Percebe-se que, ao longo da narrativa, os elementos das referidas religiões se mesclam, caracterizando-se assim, como sincretismo religioso.

3.1 UM PADRE SEM PRESTÍGIO

O Padre José Pedro, apesar de ser uma figura religiosa que normalmente impõe respeito e prestígio, não tinha muita influência na cidade. “Pouca influência tinha o padre José Pedro. Não tinha mesmo influência nenhuma” (AMADO, 1912-2001, 2009, p. 72). Ele só era

considerado e respeitado pelos meninos infratores e pela Don' Aninha. Já no primeiro capítulo do romance percebemos a falta de autoridade e de respeito com padre, através da carta do diretor do reformatório à redação do jornal da tarde, que desprovido de temor a um representante de Deus insulta-o:

Esse padre (que eu chamarei de padre do demônio), se me permitis uma pequena ironia, Sr. diretor) abusou das suas funções para penetrar no nosso estabelecimento de educação em honrar proibidas pelo regulamento e contra ele eu tenho de formular uma série queixa: ele tem incentivado os menores que o estado colocou a meu cargo à revolta, à desobediência. Desde que ele penetrou os umbrais desta casa que os casos de rebeldia e contravenções aos regulamentos aumentaram. O tal padre é apenas um investigador do mau caráter geral dos menores sob minha guarda. E por isso vou fechar-lhe as portas desta casa de educação (AMADO, 1912-2001, 2009, p. 19-20).

Levando em consideração a fé professada pelo padre, o diretor do reformatório ofendeu de pior forma possível o sacerdote, chamando-o de demônio, o inimigo de cristo. Além disso, acusa-o de incentivar as desobediências dos jovens infratores, pois não respeita nem as leis internas do reformatório, também chamando-o de mentiroso, já que afirma não proceder as denúncias feitas pelo sacerdote ao reformatório: “O que me abismou, Sr. diretor, foi a carta do padre José Pedro. Este sacerdote, esquecendo as funções do seu cargo, veio lançar contra o estabelecimento que dirijo graves acusações” (AMADO, 1912-2001, 2009, p. 19).

O diretor do reformatório afirma que não é dever do padre se preocupar com os jovens internados, e, com isso, não leva em consideração a doutrina cristã. O padre não necessariamente precisava fazer a denúncia por ser cristão, pois como qualquer cidadão poderia fazer críticas aos tratamentos desumanos dados as crianças presas.

Além disso, o padre também não era considerado importante nem no meio eclesiástico: “O padre José Pedro não era considerado uma grande inteligência entre o clero. Era mesmo um dos mais humildes entre aquela legião de padres da Bahia” (AMADO, 1912-2001, 2009, p. 19-71). O adjetivo humilde tem três sentidos, o primeiro no sentido econômico, uma pessoa que não tem posse de muitos bens e dinheiro. O segundo sentido é o de bondade, uma pessoa que se compadece do próximo, ou ainda a humildade religiosa, que para Catherine Cornille, PhD em Estudos da Religião pela U.K. Leuven, professora associada de Teologia Comparada no Boston College, é a submissão e obediência a Deus, a sapiência que a glória é somente de Deus: "Dentro das religiões monoteístas, a da humildade define uma determinada relação com Deus. É exatamente a fé em Deus Criador, a fonte de toda bondade e verdade, a qual torna vãs todas as tentativas humanas de autoglorificação e

orgulho" (CORNILLE, 2008, p. 162). Os três sentidos de humildade são pertinentes ao Eclesiástico José Pedro, pois durante meia década foi operário em uma fábrica de tecidos, e só entrou para o seminário porque o diretor da fábrica onde trabalhava, em uma atitude de hipocrisia, falou pra o bispo que custearia os estudos de alguém que desejasse ser padre:

O diretor da fábrica, num dia em que o bispo a visitara, resolveu dar mostra de generosidade e disse que 'já que o senhor bispo se queixava da falta de vocação sacerdotal, ele estava disposto a custear os estudos de um seminarista ou de alguém que quisesse estudar para padre'. José Pedro, que estava no seu tear, ouvindo, se aproximou e disse que ele queria ser padre. (...) Mas o patrão, diante do bispo, não quis voltar atrás. E José Pedro foi para o seminário (AMADO, 1912-2001, 2009, p. 19-71).

Fingindo ser generoso, o patrão de José Pedro não tinha a verdadeira intenção de arcar com as despesas de um seminarista, tanto é que a atitude do operário o surpreendeu: "Tanto o patrão como o bispo tiveram uma surpresa" (AMADO, 1912-2001, 2009, p. 19-71). Além disso, a promessa do superior da fábrica não passou de vãs palavras, visto que a intenção não era ajudar, mas representar generosidade para o bispo, tendo que cumpri-la para evitar o constrangimento diante do Reverendo, pois pouco tempo depois deixou de pagar as despesas do seminarista: "(...) passado dois anos, o dono da fábrica deixou de pagar seus gastos (...)” (AMADO, 1912-2001, 2009, p. 19-71).

O bispo ficou surpreso pelo fato do voluntário não ter estudo: "José Pedro já não era moço e não tinha estudo algum" (AMADO, 1912-2001, 2009, p. 19-71). O bispo, por ser uma autoridade para a Igreja Católica, não teve uma atitude cristã, porque ao se surpreender com o desejo de José Pedro teve uma atitude discriminatória, porquanto achava que ele não passava de um operário não mais tão jovem.

O padre também era humilde no sentido de bom, tinha a intenção de ajudar as crianças órfãs que praticavam crimes na cidade da cidade: "(...) seu grande desejo era catequizar as crianças abandonadas da cidade, os meninos que, sem pai e sem mãe, viviam do roubo, em meio a todos os vícios". Realmente se importava com os pequenos delinquentes, era assim que eram vistos, mas o padre via neles a oportunidade de fazer a obra cristã, ajudar o próximo, levando as crianças à Deus, segundo a doutrina cristã: "Jesus porém disse: Deixai os pequeninos e não os estorveis de vir a mim, porque dos tais é o Reino dos céus" (MT, 19, 14). Também, desejava a felicidade dos Capitães da Areia, com avidez de fazer com que os meninos vivessem como crianças. Pegando o dinheiro que Dona Guilhermina Silva tinha dado para comprar velas para o altar da Virgem para que os meninos brincassem no carrossel que chegaria na cidade:

-Isso é pra gente andar no carrossel hoje... Convido vocês todos para andarem hoje no carrossel da praça de Iatapagipe.

Esperava que os rostos se animassem mais. Que uma extraordinária alegria reinassem em toda sala. Porque assim ficaria ainda mais convicto de que estava servindo a Deus quando daqueles quinhentos mil-réis que Dona Guilhermina Silva dera para a comprar velas para o altar da Virgem tirara mil-réis para levar os Capitães da Areia ao carrossel (AMADO, 1912-2001, 2009, p. 19-71).

Não era somente intenção do sacerdote catequizar os meninos, mas também queria encontrar uma solução para amenizar a vida de miséria e sem amor de pai e mãe, com a intenção de oferecer um lar para aquelas crianças abandonadas. Para isso, levou um menino do reformatório para uma das beatas da Igreja cuidar, assim, estaria ajudando a criança sem um lar:

A princípio o padre José Pedro pensava em levar os Capitães da Areia às beatas. Pensava que assim salvaria não só as crianças de uma vida miserável, como salvaria também as beatas de uma inutilidade perniciosa. (...) Muito tempo o padre José Pedro acariciou este projeto. Chegou mesmo a levar para casa de uma um menino do reformatório (AMADO, 1912-2001, 2009, p. 19-74).

Em relação à humildade no sentido de submissão a Deus, o padre José não aceitava qualquer tipo de glorificação em relação ao cargo que exercia da Igreja, pois muitas beatas o idolatravam:

(...) ele porque ao acabar de celebrar pela primeira vez naquela Igreja, um grupo de beatas se acercou dele com o evidente propósito de o ajudar a mudar os trajes do ofício da missa. E ressoaram em torno a ele exclamações comovidas:

-Reverendozinho.... Anjo Gabriel....

Uma velhusca magra juntava as mãos em adoração:

-Meu Jesuscristozinho.....

Pareciam adorá-los e o padre José Pedro se revoltou. Em verdade ele sabia que a grande maioria dos padres não se revoltava e ganhava bons presentes, de galinhas, perus, lençóis bordados e por vezes até antigos relógios de ouro que passavam através de gerações na mesma família. Mas o padre José Pedro tinha outra ideia da sua missão, pensava que os outros estavam errados e foi com um furor sagrado que disse:

-As senhoras não têm o que fazer? Não têm em casa de que cuidar? Eu não sou Jesuscristozinho, nem Anjo Gabriel... Vão para suas casas trabalhar, preparar o almoço, coser.

As beatas o olhavam assombradas. Era como se ele fosse o próprio anticristo. O padre completou:

-Em suas casas trabalhando servem melhor a Deus que aqui cheirando as fraldas dos padres... Vão, vão...

E enquanto elas saíam atemorizadas, ele repetia mais com mágoa que com raiva:

-Jescristozinho... O nome de Deus em vão (AMADO, 1912-2001, 2009, p. 19-73).

As beatas estavam preocupadas com coisas fúteis da Igreja, como os trajes do padre José Pedro. Diferentemente dos demais padres, não gostava de receber presentes nem de ser bajulado, pois tinha a convicção de sua missão cristã. Apesar de saber que ao advertir as beatas perderia os presentes, não se importou e as repreendeu, mesmo sabendo que era uma prática corriqueira no meio eclesástico. O modo com que o narrador relata a maneira com que o padre reclama com as beatas "furor sagrado", mostrando que o padre estava revestido de autoridade incumbido pela

palavra cristã, justificando o estado de raiva do padre, já que é somente nesta passagem, que percebemos alguma alteração na maneira paciente do padre. De certa forma, mostra a decepção do padre nas atitudes das beatas que apesar de frequentarem com veemência a Igreja, só levavam o tempo para falar mal dos outros, por esta razão o sacerdote não confiava nelas: "Além do mais não tinha absoluta confiança naquelas solteironas velhucas que viviam metidas na igreja e que aproveitavam os intervalos das missas para comentarem a vida alheia" (AMADO, 1912-2001, 2009, p. 19-72).

Apesar de ter se esforçado para continuar e se formar: "ele teve que trabalhar de bedel no seminário para poder continuar" (AMADO, 1912-2001, 2009, p. 19-71), o padre não teve um histórico de estudo e só veio a estudar mesmo no seminário, por este motivo não acompanhou o ensino eclesiástico, tendo dificuldade:

Os demais seminaristas riam dele. Nunca conseguiu ser um bom aluno. Bem comportado, isso era. Também dos mais devotos, daqueles que mais acercavam da igreja. (...) Não conseguia penetrar os mistérios da filosofia, da teologia e do latim (AMADO, 1912-2001, 2009, p. 19-71).

Vemos que há uma relação paradoxal na descrição do romance em relação à Igreja, padres que aceitam a adoração e presentes de beatas, uma instituição religiosa que não se importa com as crianças órfãs, e futuros padres que, ao invés de ajudar o colega nas dificuldades religiosas, ridicularizam-no. Porém, temos a figura do Padre José Pedro que realmente deseja cumprir a palavra cristã, ajudando crianças abandonadas, fazendo denúncias sociais, não aceitando qualquer tipo de adoração. Ao mesmo momento que há uma imagem negativa da Igreja católica, há o padre José Pedro, que em meio às tantas divergências continuou a ser honesto e bom. Os próprios capitães da areia reconheciam a bondade do padre, um dos meninos, o Professor, declarou: "- Padre, o senhor é um homem bom" (AMADO, 1912-2001, 2009, p. 19-76).

Além deste paradoxo, há no texto uma troca de valores, porque enquanto o padre José Pedro era bom, desejando ajudar o próximo, não era bom pregador tanto quanto o padre Clóvis, que sabia convencer através sua pregação, já que detinha a retórica: "(...) Ele era a negação do pregador. Nunca havia conseguido descrever o inferno com a força de convicção do padre Clóvis, por exemplo. Sua retórica era pobre e falha." (AMADO, 1912-2001, 2009, p. 74).

O padre Clóvis só pensava nos benefícios que sua posição religiosa lhe proporcionava, criticando a atitude do padre José Pedro em repreender as beatas que adoravam os padres: "Esses padres recém-ordenados estragam a vida da gente..." (AMADO, 1912-2001, 2009, p. 73). Não somente a inversão de conhecimento intelectual, todavia

também a de fé, o padre José Pedro não tinha o conhecimento do padre Clóvis, mas acreditava em Deus verdadeiramente, diferentemente deste, que nem sequer acreditava no inferno: "No entanto, ele acreditava, ele era crente. E dificilmente se poderia dizer que o padre Clóvis acreditasse pelo menos no inferno" (AMADO, 1912-2001, 2009, p. 74).

A posição economicamente desfavorável do padre e o seu pouco conhecimento eram um empecilho para ajudar os meninos do trapiche. Quando Almiro, um dos integrantes dos Capitães da Areia, pegou alastrim, uma bexiga mais branda: "(...) bexiga negra, virou alastrim, que é uma bexiga branca e tola, quase sarampo" (AMADO, 1912-2001, 2009, p. 139), deveria ser enviado para o lazareto, que era uma instituição pública de saúde, onde todas as pessoas infectadas com bexiga iam, porém todos sabiam que quem ia para lá não voltava: "-Tu sabe, padre, que ninguém volta do lazareto" (AMADO, 1912-2001, 2009, p. 144). Mesmo sendo de conhecimento do padre que a lei obrigava a todas as pessoas infectadas com bexiga deveriam ser encaminhadas e denunciadas para o lazareto, e mesmo sabendo que se prejudicaria, preferiu não denunciar o menino Almiro:

Havia uma lei que obrigava os cidadãos a denunciarem à saúde pública os casos de varíola que conhecessem, para o imediato reconhecimento dos variolosos aos lazaretos. O padre José Pedro conhecia a lei, mas, mais uma vez, ficou com os Capitães da Areia contra a lei (AMADO, 1912-2001, 2009, p. 146).

O sacerdote se importava tanto com os órfãos, integrantes dos Capitães da Areia, que se fosse para escolher entre obedecer as leis ou ajudá-los, o padre preferia auxiliar os meninos: "O padre tivera que fazer muita coisa contra o que lhe haviam ensinado. Pactuara mesmo com coisa que a Igreja condenaria. Mas era o único jeito..." (AMADO, 1912-2001, 2009, p. 147). E por causa disto era alvo de muitas queixas, principalmente:

Muitas beatas já murmuravam por causa das suas relações com as crianças que viviam do furto (AMADO, 1912-2001, 2009, p. 147).
-Têm-nos chegado bastantes queixas, padre José Pedro. O arcebispado tem fechado os olhos na esperança de que o senhor conhecesse seu erro e se emendasse... (AMADO, 1912-2001, 2009, p. 149).

A humildade econômica e o pouco conhecimento intelectual do padre eram visíveis, o tornando uma figura frágil diante do arcebispado que não estava preocupado com crianças de rua. Quando o padre é denunciado por esconder uma pessoa infectada com bexiga, é chamado à presença do cônego secretário do arcebispado, e este via refletida esta fragilidade na face do padre José Pedro: "(...) a figura baixa do padre, a sua batina suja e remendada em

dois lugares, o seu ar de medo, a falta de inteligência que de mistura com a bondade se refletia na cara do padre" (AMADO, 1912-2001, 2009, p. 148).

O autor faz críticas à Igreja Católica, primeiro mostrando o seminário, com os colegas do padre José Pedro, que o ridicularizavam. Depois, com o padre Clóvis, que nem ao menos cria no Deus que representava, além de ser um padre ambicioso, preferindo acolher os erros do que perder os presentes das beatas, e com a descrição da sala do cônego secretário do arcebispado: "Pesadas cortinas, cadeiras de alto espaldar, um retrato de santo Inácio numa parede. Na outra, um crucifixo. Uma grande mesa, custosos tapetes" (AMADO, 1912-2001, 2009, p. 146). Uma instituição que vive no luxo e não está preocupada com crianças de rua, que é um enorme problema social da cidade. Todo este ar de riqueza contrasta com um padre pobre, mas que tem a intenção de ajudar a quem precisa: "As crianças eram a maior ambição de Cristo. Deveria se fazer tudo para salvar aquelas crianças. Não era culpa deles se estavam perdidos..." (AMADO, 1912-2001, 2009, p. 147).

Uma das cenas que demonstra estas duas faces da Igreja católica, um padre sem condições financeiras, mas que desejava cumprir os desígnios da doutrina cristã e um cônego arrogante: "Sentou-se, cruzou as mãos com grande cuidado, afastou sua reluzente batina da batina suja do padre José Pedro" (AMADO, 1912-2001, 2009, p. 148). Enquanto a batina do padre José Pedro era remendada em dois lugares e suja a do cônego era reluzente.

Além disso, o cônego repreende o Padre José Pedro por causa de uma fofoca das beatas da Igreja, não querendo saber se a denúncia procedia e mesmo assim não quis averiguar. Para ele, não importava a veracidade da história que a beata contara, já que esta dava donativos a Igreja, e sim o dinheiro:

- Não faz muito tempo a viúva Santos queixou-se. O senhor ajudou uma corja de moleques, numa praça, a vaiá-la. Melhor incitou os moleques a que a vaiassem... Que tem a dizer, padre?
 -Não é verdade, cônego.
 -O senhor quer dizer que a viúva mentiu?
 Fuzilou o padre com os olhos. Mas desta vez José Pedro não baixou a cabeça, apenas repetiu:
 -O que ela disse não é verdade...
 -O senhor sabe que a viúva Santos é uma das melhores protetoras da religião da Bahia? Não sabe dos donativos... (AMADO, 1912-2001, 2009, p. 149).

O adjetivo dado à beata não é segundo as suas ações, mas de acordo com o que ela doava à Igreja, mostrando mais uma vez a crítica que o autor faz a esta instituição religiosa.

O cônego ainda humilha o padre José Pedro por não ter tido um bom desempenho nas matérias na época do seminário: "No seminário não lhe ensinaram a ser humilde e

respeitoso com seus superiores? Se bem o senhor não tivesse sido um aluno dos mais brilhantes..." (AMADO, 1912-2001, 2009, p. 149). E por esta razão o padre José Pedro acreditava que o cônego estava certo, por este deter maior conhecimento do que um simples operário que começou os estudos tardiamente. O padre achava que o cônego, por ser mais inteligente, tinha mais intimidade com Deus, já que o criador é onisciente:

O padre José Pedro sabia daquilo. Não era preciso que lhe repetissem que fora um dos piores alunos do seminário em matéria de estudos. Por isso mesmo tinha tanto medo de ter errado, de ter ofendido a Deus. O cônego devia ter razão, era muito mais inteligente, estava muito mais próximo de Deus, que é a suprema inteligência (AMADO, 1912-2001, 2009, p. 149).

Mesmo se sentindo inferior ao cônego, por este ser mais inteligente, a vontade de ajudar os Capitães da Areia era superior e ele cria que isto era da vontade de Deus, e com esta crença, combateu o cônego:

O padre José Pedro tinha confiança na bondade de Deus. Muitas vezes pensara que Deus aprovara o que ele estava fazendo. Agora pensava isto também. Aquele pensamento tinha enchido seu coração de repente. Levantou o busto, fixou a vista no cônego:

-O senhor sabe o que é um leprosário?

O cônego não respondeu.

-Pois é raro o homem que volta de lá. Quanto mais uma criança... Mandar uma criança para lá é cometer um assassinato... (AMADO, 1912-2001, 2009, p. 150).

A falta de conhecimento intelectual do padre deixava-o inseguro, por isso se achava inferior ao cônego. Não por questões hierárquicas da Igreja ou por causa da questão financeira, mas por não ser tão inteligente, pensando que não teria tanta intimidade com Deus por esta razão, reflexão esta que é instigada ainda mais pelo cônego:

-Que sabe o senhor da bondade de Deus? Que grande inteligência tem para saber dos desígnios de Deus? O demônio da vaidade o dominou?

O padre José Pedro tentou explicar:

-Eu sei que sou um padre ignorante e indigno de servir ao Senhor.

(...)

O padre José Pedro se sentiu novamente em dúvida. Mas ele elevou o pensamento a Deus, voltou parte da sua confiança: (...) (AMADO, 1912-2001, 2009, p. 150).

Por ter a consciência de não ser inteligente como os outros padres, sentindo-se inseguro, sem saber se Deus era de acordo com as suas atitudes, desobedecia as leis dos homens e da Igreja, para poder cumprir a palavra de Deus. Mas e se o criador também dizia para obedecer as leis dos homens? O que fazer diante do embate entre ajudar os Capitães da Areia e obedecer a Igreja e o estado? Por se achar ignorante o padre José Pedro às vezes

ficava em dúvida se Deus estava compactuando com as atitudes que tomava para se aproximar e ajudar os meninos do trapiche.

Apesar do padre ter as intenções de ajudar os Capitães da Areia, e ser caracterizado como um homem bom, há duas passagens em que ele diminui a religião dos orixás. Na primeira, Pirulito começa a pensar que seus amigos irão para o inferno por crerem em Xangô, e o padre afirma que os orixás são uma superstição, ou seja, para o padre o candomblé não é uma religião: "O padre José Pedro dizia que aquilo era superstição, que era coisa errada, mas que a culpa não era deles" AMADO, 1912-2001, 2009, p. 107). A segunda passagem será discutida posteriormente.

3.2 DON' ANINHA A MÃE DE SANTO

Don' Aninha aparece menos que o padre, mas é tão importante para os Capitães da Areia quanto o sacerdote, sendo uma das poucas pessoas que sabiam onde moravam os meninos. Na primeira vez que a mãe de santo é citada, percebemos a confiança que ela passa para os meninos de rua, fazendo com que os alguns dos Capitães da Areia também acreditassem nos orixás: "Talvez só o soubesse Don' Aninha, a mãe do terreiro da Cruz de Opô Afonjá, porque Don' Aninha sabe de tudo que Iá lhe diz através de um búzio nas noites de temporal"(AMADO, 1912-2001, 2009, p. 30). Esta citação faz referência ao pensamento do Professor, um dos integrantes dos Capitães da Areia, que fazia planos para o futuro, no qual pintaria quadros que retratassem a vida de homens sofrendores. Nesta reflexão, imaginava ser a Don' Aninha a única pessoa que poderia saber de seus planos, pois acreditava na sabedoria dada pelos orixás a da mãe de santo, dessa forma, só Don' Aninha poderia saber um desejo tão íntimo.

Na citação do parágrafo anterior, o autor faz menção ao terreiro de Opô Afonjá, que foi fundado no começo da década do século XX pela mãe de santo conhecida como Aninha Obabií, mas seu nome era Eugênia Ana dos Santos (PRANDI, 2009, p.47). A referência ao terreiro não foi esporádica, pois foi neste templo de candomblé que Jorge Amado recebeu o título de ogã¹, fazendo parte do conselho dos obás de Xangô. Além disso, a mãe de santo da obra "Capitães da Areia" recebeu o mesmo nome da fundadora do terreiro de Opô Afonjá, que também faz parte do espaço do livro. Todo este universo dos orixás é comum

¹Ogã ou protetor é um cargo honroso no terreiro de candomblé, geralmente dadas a pessoas com prestígio na sociedade que limitam na causa da religião. Os obás contribuíam com a mãe de santo na administração do templo (PRANDI, 2009, p.48).

nas obras de Jorge Amado: "Nos livros de Jorge Amado, o candomblé, com seus orixás, pais e mães de santo, ogãs e filhos de santo, compõe o cotidiano dos personagens com a mesma força e naturalidade que podemos sentir no contato com gente do lugar" (PRANDI, 2009, p.48).

Assim como o padre José Pedro, Don' Aninha era uma das poucas pessoas que ajudavam os pequenos delinquentes: "Por vezes morria um de moléstia que ninguém sabia tratar. Quando calhava vir o padre José Pedro, ou a mãe-de-santo Don' Aninha ou também o Querido-de-Deus, o doente tinha algum remédio" (AMADO, 1912-2001, 2009, p. 44). Além disso, a mãe de santo não se assemelha ao padre somente na caridade que oferecia aos meninos, mas também suas feições:

Don' Aninha era magra e alta, um tipo aristocrático de negra, e sabia levar como nenhuma das negras da cidade suas poupas de baiana. Tinha o rosto alegre, se bem bastasse um olhar seu para inspirar absoluto respeito. Nisso se parecia com o padre José Pedro (AMADO, 1912-2001, 2009, p. 94).

Não há rivalidades na obra entre o candomblé e o catolicismo, os representantes do catolicismo e do candomblé são apresentados de forma positiva, mostrando que não existe uma religião certa, mas sim pessoas de boa índole. Apesar de apresentar críticas contra a Igreja Católica, o padre é descrito como uma pessoa boa, mostrando as duas fases da instituição cristã.

Temos duas religiões distintas que sofrerão historicamente grandes conflitos, apresentada também no livro. Na obra é apresentado um padre pobre que não tem nenhuma influência social, mas que quer ajudar os meninos do trapiche, e há a mãe de santo, que sofre com a intolerância religiosa, que também ajuda os Capitães da Areia, mas tem mais prestígio que o padre, conhece pessoas influentes, e apesar do preconceito com o candomblé, Don' Aninha era respeitada:

Numa batida num candomblé (que se bem não fosse o seu, porque nenhum polícia se aventurava a dar uma batida no candomblé de Aninha, estava sob a sua proteção) a polícia tinha carregado com Ogum, que repousava no seu altar. Don' Aninha tinha usado da sua força junto a um guarda para conseguir a volta do santo. Fora mesmo à casa de um professor da faculdade de medicina, seu amigo, que vinha estudar a religião negra no seu candomblé, pedir que ele conseguisse a restituição do deus (AMADO, 1912-2001, 2009, p. 93).

A mãe de santo era como uma amiga para os Capitães da Areia, e ela também considerava-os como tal:

Por último Don' Aninha veio aonde estavam os Capitães da Areia, seus amigos de há muito, porque são amigos de grande mãe-de-santo todos os negros e todos os pobres da Bahia. Para cada um ela tem uma palavra amiga e maternal. Cura doenças, junta amantes, seus feitiços matam homens ruins (AMADO, 1912-2001, 2009, p. 93).

A maioria dos meninos acreditavam que Don' Aninha tinha poder de Ogum, por isso, quando Dora ficou doente eles chamaram a mãe-de-santo para curar a menina: "A mãe-de-santo Don' Aninha reza oração forte para a febre que consome Dora desaparecer. Com um galho de sabugueiro manda que a febre se vá (AMADO, 1912-2001, 2009, p. 30).

3.3 O SINCRETISMO DO CAPITÃES DA AREIA

Os meninos dos Capitães da Areia tinham poucas amizades adultas, e como somente o padre José Pedro, Don' Aninha e o capoeirista Querido-de-Deus se preocupavam com os meninos abandonados, estes tiveram grande influências na crença das crianças do trapiche, principalmente o padre e a mãe-de-santo.

“O grupo dos Capitães da Areia era formado por umas cem crianças, não sabendo o número exato” (AMADO, 1912-2001, 2009, p. 27), mas a obra apresenta os nomes e as histórias de doze meninos, entre eles: Pedro Bala, Barandão, João Grande, Sem-Pernas, Gato, (João José) Professor, Pirulito, Boa-vida, Almiro, Volta-Seca, Gringo, e posteriormente Zé Fuinha, o irmão de Dora, a única garota integrante dos Capitães da Areia. Todavia, só nos deteremos a cinco meninos, os quais estão mais envolvidos com o sincretismo religioso, mostrando de que forma a fé influencia em nas ações dos órfãos.

3.4 PIRULITO: UM ASPIRANTE A SACERDOTE

O nome de Pirulito era Antônio, recebia tal apelido por causa de sua fisionomia: "Pirulito era magro e muito alto, uma cara seca, meio amarelada, os olhos encovados e fundos, a boca rasgada e pouco risonha" (AMADO, 1912-2001, 2009, p. 33).

Um dos meninos que mais foi influenciado pelo padre foi Pirulito, que antes de conhecer o padre era um dos meninos mais cruéis dos Capitães da Areia, mas depois, através da pregação do sacerdote, começou a mudar de atitude, pois acreditava no Deus em que falava o Padre José Pedro:

Pirulito fora a grande conquista do padre José Pedro entre os Capitães da Areia. Tinha fama de ser um dos mais malvados do grupo, contavam dele que uma vez pusera o punhal na garganta de um menino que não queria lhe emprestar dinheiro e o fora enfiando devagarinho, sem tremer, até que o sangue começou a correr e o outro lhe deu tudo que queria. Mas contavam também que outra vez cortou de navalha a Chico Banha quando o mulato torturava um gato que se aventurara no trapiche atrás de ratos. No dia que o padre José Pedro começou a falar de Deus, do céu, de Cristo, da bondade e da piedade, Pirulito começou a mudar. Deus o chamava e ele sentia sua voz poderosa no trapiche. Via Deus nos seus sonhos e ouvia o chamado de Deus de que falava o padre José Pedro. E se voltou de todo para Deus, ouvia a voz de Deus, rezava ante os quadros no trapiche. Ele espancou um dos menores, os outros se calaram. No outro dia o padre disse que ele fizera mal, que era preciso sofrer por Deus, e Pirulito então dera sua navalha quase nova ao menino a que espancara. E não espancara mais nenhum, evitava as brigas e se não evitava os furtos era que aquilo era o meio de vida que eles tinham, não tinham mesmo outro (AMADO, 1912-2001, 2009, p. 44).

Antes de conhecer o padre, Pirulito praticava a violência física por motivos banais, qualquer situação era motivo para agredir o outro, fazia sem piedade, porém quando começou a crer em Deus e a ouvir os ensinamentos do padre começou a se transformar no oposto do que era antes. A única coisa que Pirulito não poderia deixar de praticar era o furto, pois era o meio de sobrevivência dele e dos meninos.

Percebemos que há uma forte crítica social do autor em relação a criminalidade infantil, mostrando que a única opção das crianças abandonadas é o crime. Para sobreviver precisam furtar, e isso é uma crítica à omissão da responsabilidade das instituições responsáveis pelos menores. Infelizmente a negligência das autoridades competentes com o público infanto-juvenil perpetuou-se nos dias atuais. Em relação a esta temática Arnaldo Niskier afirma:

Ao abordar a questão da infância abandonada, em *Capitães da Areia*, Jorge Amado conseguiu captar toda a atmosfera reinante no período do Estado Novo. O texto revela o cotidiano daqueles meninos, entregues à própria sorte, investindo na prática de delitos, construindo uma história triste e ao mesmo tempo comovente, enfim buscando a todo custo uma forma de viver, apesar das adversidades e dos contratempos que surgiam como reação às ações - nada elogiáveis - por eles empreendidas.

Causa surpresa como o tema, apesar de ter sido concebido em 1937, "permanece hoje tão atual", como bem frisou o escritor Milton Hatoum, no posfácio da edição de 2009. Soa como uma antecipação do que viria a ocorrer atualmente nas ruas dos grandes centros urbanos brasileiros, reforça ainda Hatoum (2013, p.19).

A transformação de Pirulito foi realmente verdadeira, passando a fazer sacrifícios por Deus, deixando de comer e fazendo abstinência sexual, até mesmo desejar dedicação total a Deus, aspirando se tornar sacerdote:

Pirulito sentia o chamado de Deus, que era intenso, e queria sofrer por Deus. Ajoelhava horas e horas no trapiche, dormia no chão nu, rezava mesmo quando o sono o queria derrubar, fugia das negrinhas que ofereciam amor na areia quente do cais.

Sua esperança era um dia ser sacerdote de Deus, viver só para a sua contemplação, viver só para ele (AMADO, 1912-2001, 2009, p. 109-10).

Mas Deus chamava Pirulito. Nas noites do trapiche o menino ouvia o chamado de Deus. (...) E o chamado de Deus dentro de Pirulito é poderoso como a voz do vento, como a voz potente do mar. Pirulito quer viver para Deus, inteiramente para Deus, uma vida de recolhimento e de penitência, uma vida que o limpe dos pecados, que o torne digno da contemplação de Deus (AMADO, 1912-2001, 2009, p. 224).

A conversão religiosa de Pirulito foi bastante significativa, como mostra o narrador onisciente, que penetra na mente de Pirulito expondo desejos espirituais do menino. A intimidade que o garoto tem com o Deus que o fez abandonar o mundo do crime, mesmo em meio a miséria, por acreditar que precisava sofrer por Ele, mudando de um menino órfão das ruas para um frade:

Não reconhecem Pirulito quando chega vestido com uma batina de frade, um longo cordão pendendo ao lado. Padre José Pedro diz:

- Não reconhecem o irmão Francisco da Sagrada Família?

Eles olham Pirulito com certa vergonha. Mas Pirulito sorri (AMADO, 1912-2001, 2009, p. 226).

3.5 JOÃO GRANDE: O CÂNDIDO

João Grande, como o próprio apelido sugere, era um menino alto e forte, porém sua aparência física contrastava-se com suas características pessoais, pois apesar do porte físico, só se envolvia em brigas para defender os amigos. Era tímido, não era considerado inteligente pelos amigos, mas protegia os mais indefesos do grupo, sendo muito querido por todos. Fora um dos primeiros a integrar os Capitães da Areia:

Engajou com nove anos nos Capitães da Areia, quando o Caboclo ainda era o chefe e o grupo pouco conhecido, pois o Caboclo não gostava de arriscar. Cedo João Grande se fez um dos chefes e nunca deixou de ser convidado para as reuniões que as maiores faziam para planejar os furtos. Não que fosse um bom organizador de assaltos, uma inteligência viva. Ao contrário, doía-lhe a cabeça se tinha que pensar. Ficava com os olhos ardendo, como ficava também quando via alguém fazendo maldade com os menores. Então seus músculos se retesavam e estava disposto a qualquer briga. Mas a sua enorme força muscular o fizera tímido. O Sem-Pernas dizia dele:

-Este Negro é burro mas é uma prensa...

E os menores, aqueles pequeninos que chegavam para o grupo cheios de receio tinham nele o mais decidido protetor. Pedro, o chefe, também gostava de ouvi-lo. E João Grande bem sabia que não era por causa da sua força que tinha amizade do Bala. Pedro achava que o negro era bom e não se cansava de dizer:

-Tu é bom, Grande. Tu é melhor que a gente. Gosto de você - e batia pancadinhas na perna do negro, que ficava encabulado (AMADO, 1912-2001, 2009, p. 228-229).

João Grande era bom para com todos, não tinha malícia. Quando ele e o Professor viram Dora e o irmão pela primeira vez, Zé Fuinha, decidiram levá-los para o trapiche, pois estavam com dó da menina abandonada na rua e sem ter onde morar. Diferentemente dos outros meninos do trapiche, João Grande e o Professor viam Dora como uma menina, defendendo-a dos outros garotos que queriam estuprá-la. O Professor era fraco, porém João Grande era forte e enfrentaria todos dos trapiches para proteger Dora, até mesmo desafiar o chefe do bando, Pedro Bala, para defendê-la, não por desejar ter um relacionamento íntimo com Dora, mas por se comover com a história de vida dela:

João Grande e o Professor iam na frente. Ambos tinham vontade de conversar com Dora, mas nenhum sabia o que dizer, não tinham se visto ainda num apuro assim. A luz das lâmpadas batia nos cabelos loiros dela: O preto disse:

-É uma lindeza.

-Batuta - fez o professor.

Mas não olhavam nem os seios, nem as coxas. Olhavam o cabelo loiro batido pela luz das lâmpadas elétricas (AMADO, 1912-2001, 2009, p.168-169).

João Grande estendeu os braços, gritou:

(...)

-Eu sempre tive contigo bala. Sou teu amigo, mas ela é uma menina, fui eu e o Professor que trouxe ela. Eu sou teu amigo, mas se tu vier eu te mato. É uma menina, ninguém faz mal a ela... (AMADO, 1912-2001, 2009, p. 172).

Apesar dos meninos dos Capitães da Areia saberem que João Grande não era muito inteligente, ele sempre era chamado para as tarefas mais difíceis. Quando Querido-de Deus ofereceu uma proposta para furtar um embrulho a mando de um homem, João Grande foi requisitado para o trabalho junto com Pedro Bala e o Gato. João grande dá a ideia de colocar carne para o cachorro da casa onde furtaria o embrulho, mas não é posto em prática, já que Grande esquece a carne:

João Grande interrompeu:

-O senhor tem aí um pedaço de carne?

-Pra quê?

-Pro cachorro. Um pedaço chega.

(...) o Grande bateu na testa:

-Me esqueci da carne pro cachorro (AMADO, 1912-2001, 2009, p.55, 57).

Mesmo sendo um jovem de grande força e porte físico, João Grande era inocente em relação aos demais meninos do trapiche:

Entonces eu tava com pena e trepei pela bica pra dizer a ela que não chorasse, mais, que não tinha mais de quê. Que a gente tinha abafado os papéis. E como tive que explicar tudo a ela, tive que demorar...

O Gato perguntou muito curioso?

-Era boa, era?

-Era boa sim. Passou a mão na minha cabeça, depois me disse que muito obrigada, que Deus ia me ajudar.

-Deixa de ser burro, negro. Eu tava perguntando se era boa mas pra cama. Se tu viu o coxame...

O negro nada respondeu (AMADO, 1912-2001, 2009, p. 59-60).

Grande não só tinha características boas, também era conhecido por ser mentiroso: "João Grande, que por vezes ouvia e via coisas que ninguém percebia. O negro era muito mentiroso" (AMADO, 1912-2001, 2009, p. 56).

Diferentemente de Pirulito, João Grande era adepto ao candomblé: "Para seus olhos era um ser extraordinário, algo como um Deus, para quem rezava Pirulito, algo como Xangô, que era santo de João Grande e do Querido-de-Deus" (AMADO, 1912-2001, 2009, p.64). Quando Sem-Pernas chama a estátua de Omolu de troço, João Grande lhe repreende, pois acreditava que o deus era forte e poderia castigar o Sem-Perna pela falta de respeito:

O que é que agente vai fazer? O troço está na polícia...

João Grande cuspiu, estava com receio:

-Não chame Ogum de troço, Sem-pernas. Ele castiga...

(...)

João Grande calou a boca, porque sabia que Ogum era grande demais, mesmo na cadeia podia castigar o Sem-pernas (AMADO, 1912-2001, 2009, p.95).

Mesmo tendo fé em Ogum, João Grande respeitava o padre José Pedro, e se comoveu pela sua atitude, que gastaria o dinheiro da Igreja para que os Capitães da Areia pudesse brincar no carrossel. Porém os meninos poderiam brincar de graça, porque Sem-Pernas e Volta-Seca estavam trabalhando no carrossel:

-Não. Fica pra outra vez. -Olhou para os meninos sorrindo. -Foi até melhor assim. Porque o dinheiro que eu tinha...-e se calou de repente ante ao fato que ia contar. E pensou que talvez tivesse sido uma lição de Deus, um aviso, e que tivesse feita uma coisa malfeita. Seu olhar foi tão estranho, que os meninos se aproximaram um passo. Olhavam para o padre sem compreender. Pedro Bala franzia a testa como quando tinha um problema a resolver, o Professor tentou falar. Mas João Grande compreendeu tudo, apesar de ser o mais burro de todos:

-Era da igreja, padre? -e bateu na boca com raiva de si mesmo (AMADO, 1912-2001, 2009, p.76-77).

O único momento que João Grande pareceu mais esperto, não o foi, quando se percebeu na situação e que o seu comentário era desnecessário. Todos compreendiam o

porquê da excitação do padre em falar, até o próprio João Grande compreendeu que sua observação deixou o sacerdote constrangido, corrigindo a si mesmo.

3.6 PEDRO BALA: O CHEFE

Pedro Bala, aos quinze anos é o chefe dos Capitães da Areia, a mãe já havia morrido há muito tempo, e era de família rica. O pai, Raimundo, trabalhava na fábrica de cigarros, morreu em uma greve, e aos quatro anos Pedro Bala ficou órfão de pai e mãe, integrando os Capitães da Areia aos cinco anos. Não era à toa que Bala era o chefe, pois era o mais esperto e não temia e também por causa dos seus atributos de líder, se tornou chefe dos Capitães da Areia: "Pedro bala era muito mais ativo, sabia planejar os trabalhos, sabia tratar com os outros, trazia nos olhos e na voz a autoridade de chefe" (AMADO, 1912-2001, 2009, p.27).

Além disso, Pedro Bala sabia como lidar com as diversas situações, e a inteligência de Bala era reconhecida pelos integrantes do grupo, impondo respeito e cumplicidade:

O padre sorriu com bondade. Sentou-se num caixão, João Grande viu que a batina dele era suja e velha. Tinha remendos feitos com linha preta e era grande para a magreza do padre. Cutucou Pedro Bala, que espiou também. Então Pedro disse: -Minha gente, o padre José Pedro, que é amigo de nós, tem uma coisa pra gente. Viva o padre José Pedro!
João Grande sabia que tudo era por causa da batina rasgada e grande para a magreza do padre. Os outros responderam "Viva", o padre sorriu acenando com a mão, João Grande não tirava os olhos da batina. Pensou que Pedro Bala era mesmo um chefe, sabia de tudo, sabia fazer tudo. Por Pedro Bala, João Grande se deixaria cortar a facção (...) (AMADO, 1912-2001, 2009, p.75-76).

O chefe dos Capitães da Areia era o mais sincrético de todos, por gostar do padre José Pedro e da mãe-de-santo Don' Aninha, cria na religião que fosse necessário: "O chefe dos Capitães da Areia ia pouco aos candomblés, como pouco ouvia as lições do padre José Pedro. Mas era amigo tanto do padre como da mãe-de-santo (...)" (AMADO, 1912-2001, 2009, p.94)

Como ambos representantes religiosos eram bastante prestativos com os meninos do trapiche, Pedro Bala acreditava que devia favores ao padre e a mãe-de-santo: "Pedro Bala sentia que tinha uma dívida a saldar com o padre" (AMADO, 1912-2001, 2009, p.77).

Essa relação com a mãe-de-santo e com o padre confundia a cabeça de Pedro Bala, pois quando Almiro se infectou com alastrim, Bala pensou em chamar Don' Aninha para

curar o menino, pois acreditava que a mãe-de-santo tinha poder para sanar a doença, todavia o padre afirmara que Don' Aninha não podia curar o garoto, deixando Pedro Bala confuso:

-Não vai, não padre...-afirmou Pedro bala.
 -Então que é que você vai fazer, meu filho?
 -Tratar dele aqui...
 -Mas como?
 -Chamo Don' Aninha...
 -Mas ela não sabe tratar de ninguém.
 Pedro Bala ficou confuso (AMADO, 1912-2001, 2009, p.145).

Pedro Bala tinha uma maior inclinação para o candomblé. Ao ser preso, o menino pensa em se vingar do diretor do reformatório, através da força de Ogum: "Quando sair, pedirá à mãe-de-santo que faça um feitiço forte para matar o diretor. Ela tem força com Ogum, e ele uma vez tirara Ogum da polícia" (AMADO, 1912-2001, 2009, p.2001). A inclinação para o candomblé era resultado da discrepância que o garoto percebia entre o discurso do padre e a realidade em que viviam:

Pedro Bala sentiu uma onda dentro de si. Os pobres não tinham nada. O padre José Pedro dizia que os pobres um dia iriam para o reino dos céus, onde Deus seria igual para todos. Mas a razão jovem de Pedro não achava justiça naquilo. No reino do céu seriam iguais. Mas já tinham sido desiguais na terra, a balança pendia sempre para um lado (AMADO, 1912-2001, 2009, p.94).

Além disso, as rezas lhe lembravam o reformatório, em que Pedro Bala esteve preso e sofreu violência física e psicológica. Ao ouvir a reza, Bala associava ao sofrimento que sofreu no reformatório: "Pedro Bala se lembra das rezas à noite no reformatório. Seus ombros se encolhem, tapa os ouvidos" (AMADO, 1912-2001, 2009, p. 216).

Mesmo tendo um sentimento negativo em relação ao cristianismo, Pedro Bala, à conselho do padre José Pedro, proíbe a relação homossexual entre os meninos do grupo, porque antes de conhecerem o padre, a homossexualidade era permitida:

Padre José Pedro (...) Fora mesmo ele um dos que mais concorreram para exterminar a pederastia do grupo. E isto foi uma das suas grandes experiências no sentido de como agir para tratar com os Capitães da Areia. Enquanto ele lhes disse que era necessário acabar com aquilo porque era pecado, uma coisa imoral e feia, os meninos riram nas suas costas e continuaram a dormir com os mais novos e bonitos. Mas no dia em que o padre, desta vez ajudado pelo Querido-de-Deus, afirmou que aquilo era coisa indigna num homem, fazia um homem igual a uma mulher, pior que uma mulher, Pedro Bala tomou medidas violentas, expulsou os passivos do grupo. E por mais que o padre fizesse não os quis mais ali.
 -Se eles voltar, a safadeza volta, padre.
 Por assim dizer, Pedro Bala arrancou a pederastia de entre os Capitães da Areia (...) (AMADO, 1912-2001, 2009, p.108).

Mesmo não sendo cristão praticante, Pedro Bala decide proibir a pederastia no grupo. Percebemos que, apesar do Padre influenciar os meninos, ele não impõe autoridade, por isso, os garotos riem do sacerdote. Mesmo o padre intervindo pelos que praticavam o homossexualismo, Pedro Bala tomou a decisão que julgava melhor.

3.7 SEM-PERNAS: SEM FÉ, SEM ESPERANÇA

O Sem-Pernas era chamado assim porque era coxo de uma perna, e era tido como um dos mais cruéis do grupo. Também não era um dos mais queridos, pois incomodava a todos com sua pilhérias e brincadeiras maldosas:

O Sem-Pernas costumava burlar dele, como de todos os demais do grupo, mesmo de Professor, de quem gostava, mesmo de Pedro Bala, a quem respeitava. Logo que um novato entrava para os Capitães da Areia formava uma ideia ruim de Sem-Pernas. Porque ele logo botava um apelido, ria de um gesto, de uma frase do novato. Ridicularizava tudo, era dos que mais brigavam. Tinha mesmo fama de maldade. Uma vez fez tremendas crueldades com um gato que entrara no trapiche. E um dia cortara de navalha um garçom de restaurante para furtar apenas um frango assado. Um dia em que teve um abscesso na perna resgou friamente a canivete e na vista de todos o espremeu rindo. Muitos do grupo não gostavam dele, mas aqueles que passavam por cima de tudo e se faziam de amigos diziam que ele era um "sujeito bom" (AMADO, 1912-2001, 2009, p.35).

Vemos que as práticas de violência do Sem-Pernas aparentemente eram por motivos banais, todavia era uma forma do garoto se proteger e fugir da miséria e da injustiça que os cercavam: "No mais fundo do seu coração ele tinha pena da desgraça de todos. E rindo, e ridicularizando, era que fugia da sua desgraça. Era como um remédio" (AMADO, 1912-2001, 2009, p.35).

Sem-Pernas não acreditava em Deus, pois não compreendia a palavra cristã, nem o ato de adorar a uma imagem. Aquelas ações não eram suficientes para o menino coxo, como aquilo poderia ajudá-lo a esquecer todo o sofrimento? Por esta razão não pensaria em acreditar em Deus:

(...) por isso ele nunca tivesse pensado em rezar, em se voltar para o céu de que tanto falava o padre José Pedro quando vinha vê-los. O que ele queria era felicidade, era alegria, era fugir de toda aquela miséria, de toda aquela desgraça que os cercavam e os estrangulava. Havia, é verdade, a grande liberdade das ruas. Mas havia também o abandono de qualquer carinho, a falta de todas as palavras boas. Pirulito buscava isso no céu, nos quadros de santo, nas flores murchas que trazia para Nossa Senhora das Sete Dores, como um namorado romântico dos bairros chiques da cidade traz para aquela a quem ama com intenção de casamento. Mas o Sem-Pernas não compreendia que aquilo pudesse bastar. Ele queria coisa imediata, uma coisa que pudesse ser rosto sorridente e alegre, que o livrasse da necessidade de rir de todos e

de rir de tudo. Que o livrasse também daquela angústia, daquela vontade de chorar que o tomava nas noites de inverno (AMADO, 1912-2001, 2009, p.35-36).

A uma relação contrastante, se tem a liberdade das ruas, tem o abandono. O Sem-Pernas era um menino livre, porém não tinha carinho, e vivia angustiado por ter consciência de seu abandono. Apesar de rir de todos o fazia como forma de fugir da situação de pobreza e abandono.

As atitudes do Sem-Pernas são um reflexo da violência que sofreu antes de entrar para os Capitães da Areia. Nunca teve família, foi criado por um padeiro que o chamava de padrinho, porém sofria muito com as surras que levava, e por esta razão fugiu. Depois foi preso, sendo vítima de violência, pois os policiais bêbados o fizeram correr em uma saleta enquanto levava açoites nas costas com uma borracha. O sofrimento daquele dia nunca saiu da cabeça do menino: "As marcas que ficaram nas suas costas desapareceram. Mas dentro dele nunca desapareceu a dor daquela hora" (AMADO, 1912-2001, 2009, p.36).

Por causa do sofrimento, Sem-Pernas tinha bastante ódio no coração. Tinha raiva de Pirulito, que apesar das circunstâncias miseráveis, fugia de todo o sofrimento através das rezas. No fundo, Sem-Pernas só queria ser amado, era apenas uma criança que ficava confuso com sentimentos tão complexos:

Confusamente desejava ter uma bomba (como daquelas de certa história que o Professor contara) que arrasasse toda a cidade, que levasse todos pelos ares. Assim ficaria alegre. Talvez ficasse também se viesse alguém, possivelmente uma mulher de cabelos grisalhos e mãos suaves, que o apertasse contra o peito, que acarinhasse seu rosto e o fizesse dormir um sono bom, um sono que não tivesse cheio dos sonhos da noite na cadeia. Assim ficaria alegre, o ódio não estaria mais no seu coração. E não sentiria mais desprezo, inveja ou ódio de Pirulito que, de mãos levantadas e olhos fixos, foge do seu mundo de sofrimentos para um mundo que conheceu nas conversas do padre José Pedro (AMADO, 1912-2001, 2009, p.37).

O que causava o ódio no Sem-Pernas, em relação a Pirulito, era por não compreender a fé do amigo. Apesar de rir enquanto Pirulito rezava, há um momento em que respeita a fé deste:

O Sem-Pernas, que vinha combinar um detalhe da questão dos chapéus e que, desde que o vira rezando, trazia uma pilhéria preparada, uma pilhéria que só com o pensar nela ria e que iria desconcertar completamente Pirulito, quando chegou perto e viu Pirulito rezando, de mãos levantadas, olhos fixos ninguém sabia onde, o rosto aberto em êxtase (estava como que vestido de felicidade), parou, o riso burlão murchou nos seus lábios e ficou a espia-lo meio a medo, possuído de um sentimento que era um pouco de inveja e um pouco de desespero (AMADO, 1912-2001, 2009, p.34-35).

Sem-Pernas era um menino triste e amargurado e escondia estes sentimentos de todos. Há alguns poucos momentos em que o menino coxo demonstra estar feliz, a ponto de ser invejado pelos outros Capitães da Areia:

O Sem-Pernas convidou a todos para irem ver o carrossel na outra noite, quando acabariam de armar. E saiu para encontrar Nhozinho França. Naquele momento todos os pequenos corações que pulsavam no trapiche invejaram a suprema felicidade do Sem-Pernas. Até mesmo Pirulito, que tinha quadros de santos na sua parede, até mesmo João Grande, que nessa noite iria com Querido-de-Deus ao candomblé de Procópio, no Matatu, até mesmo o Professor, que lia livros, e quem sabe se também Pedro Bala, que nunca tivera inveja de nenhum porque era o chefe de todos? Todos o invejaram, sim (AMADO, 1912-2001, 2009, p.64-64).

Diferente dos outros meninos do trapiche, aquele que mais desejava carinho, família e um lar, era o Sem-Pernas, apesar de todos serem órfãos:

Só vê as luzes que giram com ele e prende em si a certeza de que está num carrossel, girando num cavalo como todos aqueles meninos que têm pai e mãe, e uma casa e quem os beije e quem os ame. Pensava que é um deles e fecha os olhos para guardar melhor esta certeza (AMADO, 1912-2001, 2009, p. 68).

Sem-penas não acreditava nem no candomblé nem no cristianismo, por isso não valorizava as palavras do padre:

O padre José Pedro explicou:
-Hoje venho fazer um convite a todos vocês.
Os ouvidos se fizeram atentos. O Sem-Pernas resmungou:
-Vai chamar a gente pra bênção. Só quero ver quem topa...
O Sem-Pernas não acreditava em nada, mas devia favores a Don' Aninha (AMADO, 1912-2001, 2009, p.75, 94).

Sem-Pernas era usado no bando para entrar nas casas de uma família, se passando por um pobre menino inocente, olhava os objetos de valor da casa, para depois os Capitães da Areia roubarem. As famílias sempre o recebia com medo, repressão, com certo preconceito, geralmente ajudando-o não por bondade, mas por remorso. Para o Sem-Pernas todos eram culpados pela a situação de abandono e miséria deles, justificando assim a prática do roubo como forma de vingança, sentindo-se alegre por enganar as famílias que o recebia:

(...) o Sem-Pernas gozava invadido por uma grande alegria, alegria da vingança. Porque naquelas casas, se o acolhiam, se lhe davam comida e dormida, era como cumprindo uma obrigação fastidiosa. Os donos da casa evitavam se aproximar dele, e o deixaram na sujeira, nunca tinham uma palavra boa para ele. Olhavam-no sempre como a perguntar quando ele iria. E muitas vezes a senhora que se comovera com a sua história, contada na porta em voz soluçante, e o acolhera, mostrava evidentes sinais de arrependimento. Para o Sem-Pernas elas o acolhiam de remorso. Porque o Sem-Pernas achava que eles eram todos culpados da situação de todas as

crianças pobres. E odiava a todos, com um ódio profundo. Sua grande e quase única alegria era calcular o desespero das famílias após o roubo, ao pensar que aquele garoto esfomeado a quem tinham dado comida fora quem fizera o reconhecimento da casa e indicara a outras crianças esfomeadas onde estavam os objetos de valor (AMADO, 1912-2001, 2009, p.120).

Todavia, Sem-Pernas encontrou uma família diferente, que o tratou como um filho, colocou em um quarto, trocou suas roupas sujas. O casal era Dona Ester e seu marido Raul, que era advogado, e ambos criaram o órfão como o filho que perderam. Sem-Pernas foi tratado com amor e carinho como nunca houvera sido antes, e por isso demorou mais tempo para dizer onde ficava os objetos de valor para os outros meninos: “Oito dias se passaram. Pedro Bala por várias vezes já andara em frente à casa para saber notícias do Sem-Pernas, que tardava a voltar ao trapiche. Já havia tempo mais que suficiente para que o Sem-Pernas soubesse onde se quedavam todos os objetos facilmente transportáveis da casa e as saídas que podiam auxiliar a fuga” (AMADO, 1912-2001, 2009, p.124).

Como era carregado de desejo de vingança, Sem-Pernas tinha medo da bondade de dona Ester, pois sabia que aquele sentimento de carinho que ela lhe dera cessaria com sua sede de vingança, que era o que lhe dava força para viver. Por isso, traz à memória a tortura que sofrera, como uma justificativa para continuar odiando. Diferentemente das outras casas que já tinha entrado, sentia remorso por enganar Dona Ester, sabia que não merecia tudo que a senhora lhe proporcionara, e não era como as outras famílias:

Mas desta vez estava sendo diferente. desta vez não o deixaram na cozinha com seus molambos, não o puseram a dormir no quintal. Deram-lhe roupa, comida na sala de jantar. Era um hóspede, era como um hóspede querido. (...) E, de súbito tem medo de que nesta casa sejam bons para ele. Sim, um grande medo de que sejam bons para ele. Não sabe mesmo por quê, mas tem medo. E levanta-se, sai do seu esconderijo e vai fumar bem por baixo na janela da senhora. Assim verão que ele é um menino perdido, que não merece um quarto, roupa nova, comida na sala de jantar. Assim o mandarão para a cozinha, ele poderá levar para diante sua obra de vingança, conservar o ódio no seu coração. Porque esse se esse ódio desaparecer, ele morrerá, não terá nenhum motivo para viver. E diante dos olhos passa a visão do homem de colete que vê os soldados a espancar o Sem-Pernas e ri numa gargalhada brutal. Isso há de impedir sempre o Sem-Pernas de ver o rosto bondoso de dona Ester, o gesto protetor das mãos do padre José Pedro, a solidariedade dos músculos grevistas do estivador João de Adão. Será sozinho e seu ódio alcança a todos, brancos e negros, homens e mulheres, ricos e pobres. Por isso teme que sejam bons para consigo (AMADO, 1912-2001, 2009, p.120-121).

Dona Ester e os Capitães da Areia eram os únicos a serem preservados do ódio do Sem-Pernas:

E se para alguém o Sem-Pernas abria exceção no seu ódio, que abrangia o mundo todo, era para as crianças que formavam os Capitães da Areia. Seu ódio para todos não desaparecera, é verdade. Mas abria uma exceção para a gente daquela casa,

porque dona Ester o chamava de filho e o beijava na face. (AMADO, 2009, p. 126-127).

Não era mais o desejo de Sem-Pernas roubar a casa de dona Ester, realmente o menino coxo gostava da senhora que o tratara como filho, sentia como fosse verdade e chorava de arrependimento: “Então os lábios do Sem-Pernas se descerraram e ele soluçou, chorou muito encostado ao peito de sua mãe. E enquanto a abraçava e se deixava beijar, soluçava porque ia abandonar e, mais que isso, a ia roubar. E ela talvez nunca soubesse que o Sem-Pernas sentia que ia furtar a si próprio também. Como não sabia que o choro dele, que os soluços dele eram um pedido de perdão” (AMADO, 2009, p.127).

O desejo de Sem-Pernas era continuar na casa de dona Ester, ser o filho dela, mas não podia, porque não achava justo ele viver uma vida boa enquanto os amigos continuariam viver na miséria. Por gostar de viver na casa de dona Ester e desejar uma vida melhor se sentia um traidor. Apesar de gostar muito de dona Ester, Sem-Pernas pensava nos seus amigos do trapiche e tinha uma dívida com eles. Entre os Capitães da Areia e dona Ester, Sem-Pernas escolheu os órfãos, mesmo sabendo que trairia a senhora, pois sabia não podia ficar dos dois lados:

Sem-Pernas dormia em boa cama, comia boa comida, tinha até uma senhora que o beijava e o chamava de filho. Se sentiu um traidor (...) Não, ele não os trairia. Antes de tudo estava a lei do grupo, a lei dos Capitães da Areia. Os que traíam eram expulsos e nada de bom os esperava no mundo. E nunca nenhum havia traído do modo como o Sem-Pernas ia trair. Para virar um menino mimado, para virar uma daquelas crianças que eram eterno motivo de galhofa para eles. Não, não os trairia [...] Mas aí pensou se não trairia dona Ester. Ela confiava nele (AMADO, 2009, p.126).

O ódio de Sem-Pernas era decorrente do sofrimento que vivera desde sedo, desde pequeno teve que lidar com as dificuldades da vida, culpando a todos por ser um menino sem carinho. A sede de vingança levou o órfão a um final trágico, porque como não tinha fé nem em Ogum nem em Deus, se suicida, jogando-se da montanha, pois preferia morrer ao ser preso novamente:

Sem-Pernas odeia a todo mundo, porque nunca pôde ter um carinho. E no dia que o teve foi obrigado a o abandonar porque avida já o tinha marcado demais. Nunca tivera uma alegria de criança. Se fizera homem antes dos dez anos para luar pela mais miserável das vidas: a vida de uma criança abandonada. (...) O Não levarão. Vêm em seus calcanhares, mas não o levarão. Pensam que ele vai parar junto ao grande elevador. Mas Sem-Pernas não para. Sobe para o pequeno muro, volve o rosto para os guardas que ainda correm, rir com toda a força do seu ódio, cospe na cara de um que se aproxima estendendo os braços, se atira de costas no espaço como se fosse um trapezista de circo (AMADO, 1912-2001, 2009, p.343).

Um fato tão trágico como a morte pelo o suicídio é comparado com o movimento de um trapezista de circo que envolve alegria. Triste a cena da morte porque uma criança se matou, mas alegre porque Sem-Pernas se jogou com um ar de soberania, pois para ele seria um ato de vingança, ninguém o pegaria novamente.

3.8 A FÉ E O RESPEITO QUE INSTIGAM UMA ATO CRIMINOSO

Os Capitães da Areia eram garotos que viviam de furtos para sobreviver, mas na obra, há dois furtos que merecem a atenção, pois foram instigados pela fé e pelo respeito que tinham pela religião. O primeiro, foi o de Pirulito, que roubou uma imagem da Conceição segurando um Menino, e o segundo, foi praticado por Pedro Bala, que rouba a estátua de Ogum da prisão, ajudado por João Grande e Sem-Pernas.

Pirulito tinha convicção de sua fé, pois depois que começou a ouvir as pregações do Padre José Pedro, o garoto jurou que não furtaria mais, exceto para comer ou quando fosse ordenado pela lei do grupo. Porém, ao ver a imagem da Conceição com um menino que se encontrava em uma loja, mesmo tendo vários objetos de valor Pirulito deseja furtar a imagem: "Na vitrina, quadros santos, livros de orações em encadernações luxuosas, terços de ouro, relicários de prata. Mas dentro, bem na porta da prateleira que chega até a porta, a imagem da Virgem da Conceição estende o Menino para Pirulito (...) (AMADO, 1912-2001, 2009, p.110).

Pirulito desejava roubar a imagem por se identificar com aquele Menino, pois ele tinha todas as características dos garotos integrantes dos Capitães da Areia. Sentia a necessidade de cuidar daquele Menino, porque no fundo era o que desejava para si e para os seus amigos. Como não tinha ninguém que ajudasse o Menino da imagem, assim como ninguém cuidava dos Capitães da Areia, viu a oportunidade de fazer com ele o que desejara que fizesse consigo: "O Menino nas imagens é sempre gordo, um ar de menino rico, um Deus rico. Ali é um Deus pobre, um menino pobre, mesmo igual a Pirulito, ainda mais igual àqueles mais novos do grupo [...] Pirulito o levará consigo para o trapiche dos Capitães da Areia. Rezará para ele, cuidará dele, o alimentará com seu amor (AMADO, 1912-2001, 2009, p.111).

Mas a situação era mais complicada do que Pirulito poderia imaginar, e estava confuso porque queria roubar, mas não era qualquer objeto, era a imagem de Deus que tanto amava:

E é esse amor e esse temor que fazem Pirulito indeciso ante a vitrina nesta hora de meio-dia, cheia de beleza [...] Pirulito podia levá-lo consigo, podia dar ao Menino que comer, que beber, que vestir, tudo tirado do seu amor a Deus. Mas se o fizesse, Deus o castigaria, o fogo do inferno comeria. (AMADO, 2009, p.110, 112).

Para tentar solucionar o conflito entre roubar a imagem pecando, e o castigo que Deus lhe daria, Pirulito começa a se justificar: “O dono da loja tinha tantos meninos, tantos ... Que falta lhe faria este? Talvez nem se importasse, talvez até risse quando soubesse que haviam furtado aquele Menino que nunca tinha conseguido vender (...) (AMADO, 1912-2001, 2009, p.111).

Pedro Bala não frequentava os candomblés, mas tinha muito respeito com a mãe-de-santo, Don' Aninha. Por esta razão, quando ela pediu para os Capitães da Areia para furtarem a estátua de Ogum que estava na delegacia, Pedro Bala mesmo sabendo do risco que correria, resolveu atender o seu pedido:

Fora arquitetando com a ajuda do Professor e era coisa mais arriscada em que se metera até hoje. Mas Don' Aninha bem que merecia que um corresse risco por ela. Quando tinha um doente ela trazia remédios feitos com folhas, tratava dele, muitas vezes curava. E quando aparecia um Capitão da Areia no seu terreiro ela o tratava como a um homem, como a um ogã, dava-lhe do melhor para comer, do melhor para beber. O plano era arriscado (AMADO, 2001, 2009, p. 99).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito do nosso trabalho foi analisar a mestiçagem e o sincretismo religioso dos meninos que integram os Capitães da Areia, à luz dos estudos realizados pelos autores elencados em nossa introdução, principalmente as contribuições de Silviano Santiago, que tem uma perspectiva diferenciada dos estudiosos na categoria do sincretismo. Nesse intuito, não nos furtamos às contradições e visões distintas sobre a nossa temática.

Ao analisar a obra *Capitães da Areia* buscamos identificar as ações dos meninos de rua que caracterizam o sincretismo religioso, e a partir disto verificamos que dois personagens foram essenciais para esta mistura dos Capitães da Areia: o padre José Pedro e Don' Aninha, que eram referência para os órfãos.

O sincretismo religioso, no *corpus* analisado, apresenta-se na heterogeneidade dos meninos, que mesclam os elementos do catolicismo e do candomblé. Nos Capitães da Areia estas duas fés coexistem, e isto não só é representado pelos órfãos, como também por Don' Aninha e o padre José Pedro, que se juntam todas as vezes que os Capitães da Areia precisam de ajuda.

A análise mostra um dos quatro principais integrantes dos Capitães da Areia: Pirulito, que era católico, João Grande, devoto de Omolum, Pedro Bala, que misturava os elementos do catolicismo e do candomblé, e por último, Sem-Pernas, que não tinha fé porque o sofrimento da vida o fez perder a esperança. Percebe-se que a fé de cada menino influenciou no destino de cada um: pirulito se torna Padre, João Grande marinheiro, Pedro Bala entra na organização dos grevistas, já Sem-Pernas se suicida.

Apesar de Jorge Amado ser ogã, ele não privilegia sua religião, mostrando o lado bom do catolicismo através das atitudes do Padre, sem deixar de fazer crítica à hipocrisia da Igreja Católica, expondo a sociabilidade de equilíbrio entre os opostos (SCHUWARCZ, 2009, p. 35).

Nas obras de Jorge Amado, a mestiçagem aparece sob muitas faces, em *Capitães da Areia*, ela apresenta-se pela mistura étnica do grupo. As crianças são brancas, morenas, negras, mestiças, e há até um filho de estrangeiro. A mestiçagem da obra também se apresenta na mistura entre os credos, no sincretismo ou mestiçagem do espírito brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras: 2009.

BARANDELÇA GARCÍA, Ana Margarita. **O sagrado de raízes africanas no realismo maravilhoso de Jorge Amado e Manuel Cofino**. Maceió: 2009, 120.

BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em português POR João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2 ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 199.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 7. ed. São Paulo: Nacional, 1985.

CORNILLE, Catherine. **Humildade e diálogo**. Belo Horizonte, v. 7, n. 13, p. 161-180, dez 2008.

NISKIER, Arnaldo. **Jorge Amado e a literatura brasileira**. Colóquio internacional 100 anos de Jorge Amado: história, literatura e cultura/ Organizadores Flávio Gonçalves dos santos, Inara de Oliveira Rodrigues, Laila Brichta. Ilhéus, BA: EDITUS, 2013. 272 p. ISBN 978-85-7455-314-6. 13-26p.

PRANDI, Reginaldo. **Religião e sincretismo em Jorge Amado**. In: SHUWARCZ, Lilia Mortiz; GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. O universo de Jorge Amado. São Paulo, 2009.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos**: ensaios sobre dependência cultural. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

_____. Vale quanto pesa: ensaios sobre questões político-culturais. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982

SCHWARCZ, Lilia Moritz. O artista da mestiçagem. In: GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. **O universo de Jorge Amado**. São Paulo, 2009.

SOARES, Afonso Maria Logorio. **Sincretismo afro-católico no Brasil: lições de um povo em exílio**. revista de estudo da religião. ISSN 1677-1222. nº 3/2002/ pp. 45-75.

VALENTE, Valdemar. **Sincretismo religioso afro-brasileiro**. 2. ed. São Paulo. Ed. Nacional; Brasília, INL, 1976. XVIV 120 p. (Brasiliana, v. 280).